

# UMA LEITURA DO SUJEITO DIALÓGICO A PARTIR DE TEXTOS DO CHAMADO CÍRCULO DE BAKHTIN

*A READING OF THE DIALOGUE  
SUBJECT A PARTY OF TEXTS OF THE  
CALL OF CIRCLE OF BAKHTIN*

**Silvio Nunes da Silva Júnior 1**

---

Doutorando e mestre em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas (PPGL/UFAL), especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira pela Universidade Cândido Mendes (UCAM) e em Linguagens e Educação a Distância pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), graduado em Letras/Português pela Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL) e em Pedagogia - Faculdades Integradas de Ariquemes (FIAR). Atualmente é Professor Mestre I do Centro Universitário Maurício de Nassau (UNINASSAU). Tem interesse em pesquisas de Linguística Aplicada no ensino e na formação de professores de língua portuguesa, com ênfase nos seguintes temas: reflexão, produção escrita, produção oral e estudos de letramento. E-mail: junnyornunes@hotmail.com

Não é nova a preocupação em se discutir sobre as concepções de sujeito nos estudos da linguagem. Diversas vertentes teóricas vêm buscando articular seus principais pressupostos em busca de caracterizações de sujeito que possam dar norte às pesquisas que são desenvolvidas em diferentes níveis de ensino. Com o objetivo de destacar, a partir de fragmentos retirados das obras de Bakhtin e o chamado círculo<sup>1</sup>, busco, inicialmente, visitar duas teorias, no plano do estudo da linguagem, que desenvolveram, ao passar dos anos, as suas noções de sujeito, a saber: a teoria da enunciação e a análise do discurso de linha pechetiana. Após isso, inicio um debate mais específico sobre a noção de sujeito dialógico, recorrendo às vozes de Bakhtin, Volochinov e alguns estudiosos brasileiros que dialogam sobre o dialogismo.

Considerado a expansão da ciência hoje denominada Linguística por meio da publicação do Curso de Linguística Geral (CLG), de Ferdinand Saussure, pode-se depreender, que a primeira noção de sujeito foi desenvolvida pelo citado autor que, atualmente, é adjetivado como o pai do estruturalismo linguístico. No entanto, com a assumida detenção de Saussure (2006 '[1916]) no estudo da língua (*langue*), deixando um pequeno espaço para a fala (*parole*) e a linguagem em sentido macro, o CLG acabou não contemplando uma possível concepção de sujeito para Saussure, visto que a sua noção de língua como sistema de signos é a que mais o atribui espaço para as abordagens linguísticas do século XXI.

A raiz estruturalista predominou e predomina em diversas vertentes dos estudos linguísticos, assim como na teoria da enunciação, representada por Émile Beveniste. A citada teoria, mesmo que tenha partido do pensamento saussuriano, se deteve não apenas em rediscutir o que o autor já havia deixado para os leitores, mas em ampliar essas reflexões. Cronologicamente, foi a primeira teoria estruturalista que apresentou uma preocupação em discutir sobre sujeito e subjetividade. Beveniste (1991, p. 288) assinala que a subjetividade é:

A capacidade do locutor para se propor como “sujeito”. Essa proposição como sujeito tem como condição a linguagem. “É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de ego.

Nesse sentido, a noção de sujeito na teoria da enunciação se reverbera como uma questão interna de cada um. Ao destacar que a linguagem fundamenta a realidade, Beveniste (1991) compreende que o sujeito se constitui internamente. Estando situado numa perspectiva interna, o sujeito não possui influências da sociedade para se constituir. Em outras palavras, as interações que o sujeito tem com os outros não implicariam em nada, sob a ótica da teoria da enunciação, nas suas variadas práticas sociais.

Em uma posição totalmente diferente sobre sujeito, a Análise do Discurso de linha Pechetiana trouxe uma compreensão nova e igualmente radical. Para Pêcheux (1997, p. 213), “toda prática discursiva está inserida no complexo contraditório-desigual-sobredeterminado das formações discursivas que caracteriza a instância ideológica em condições históricas dadas” e, por consequência, não existe prática discursiva sem sujeito. Diante disso,

Um processo de produção discursiva é concebido como uma máquina autodeterminada e fechada por si mesma, de tal modo que um sujeitoestrutura determina os sujeitos como produtores de seus discursos: os sujeitos acreditam que “utilizam” seus discursos quando na verdade são seus “servos” assujeitados, seus “suportes” (PÊCHEUX, 1997, p. 311).

<sup>1</sup> O chamado Círculo de Bakhtin é constituído por uma equipe de estudiosos, na qual os integrantes principais são M. Bakhtin, o líder, V. N. Volochinov e P. N. Medvedev. Todos eles possuíam pretensões filosóficas comuns e se juntavam no intuito de debater os seus pensamentos, principalmente entre 1920 e 1930, na Rússia, período de grande produção intelectual do grupo (CLARK e HOLQUIST, 1998 [1984]).

Nesse contexto, o autor acredita que o sujeito é assujeitado pelos discursos. Pêcheux (1997) defende a ideia de uma possível reprodução discursiva pelo sujeito e, com isso, o seu papel seria absorver o que lhe é exposto nas práticas sociais. O sujeito, como lembra o mesmo autor, é um suporte de produção discursiva. As duas noções apresentadas se contrariam totalmente. A primeira atribui um papel primordial ao sujeito interno que se responsabiliza pela sua própria constituição. Já a segunda retira radicalmente este papel e acredita no poder das práticas discursivas que apenas se utilizam do sujeito para produzi-las. Vejo a necessidade de trazer para este debate uma terceira noção que se localiza no meio dos dois extremos apresentados: a de sujeito dialógico.

Os estudos dialógicos, fundados na filosofia por um grupo de estudiosos que compuseram o chamado círculo de Bakhtin, trazem a noção de sujeito como participante ativo das atividades sociais. Nessa participação, o sujeito se utiliza de elementos externos para estabelecer os processos de interação com os outros nas práticas sociais de linguagem. Bakhtin (2001) explica que, em termos de princípio, não existem barreiras entre o psiquismo individual e as ideologias. Por mais que a experiência do sujeito seja individual, ela será uma elaboração ideológica, isso porque essa experiência nunca poderá ser dada como primária e indecomponível (BAKHTIN, 2001).

Para Bakhtin (2001) o homem não nasce como um organismo biológico abstrato, mas como um fazendeiro ou camponês, burguês ou proletário. Nessa espécie de crítica ao objetivismo abstrato, que se funda das concepções saussurianas sobre a língua como sistema abstrato de signos linguísticos, Bakhtin (2001) defende que a consciência psíquica do sujeito possui uma orientação social. Volochinov (2017), nessa mesma perspectiva, acredita na existência de uma relação direta entre o externo e o interno, não limitando a noção de sujeito a apenas um desses planos, denominando, ainda, o exterior como mundo e o interior como organismo quando afirma que ambos se encontram no signo. O signo, dessa maneira, é caracterizado como as relações entre consciência, ideologia<sup>2</sup> e linguagem.

A orientação social de que trata Bakhtin (2001) não se estabelece de qualquer forma, pois o sujeito não internaliza todos os discursos com os quais ele tem contato nas atividades sociais. O processo de apropriação de discurso de *outrem* depende de como o sujeito compreende e responde ao seu interlocutor durante a interação, a qual não precisa ser face-a-face. Volochinov (2017), em se tratando da noção de diálogo, acredita que existe uma oposição entre duas concepções de diálogos, a saber: o diálogo em sentido estrito e o diálogo em sentido amplo. O diálogo em sentido estrito corresponde ao que se concebe na interação face-a-face entre os sujeitos, no qual a presença física é necessária para que o locutor possa ter a resposta ativa do interlocutor no momento em que ocorre a enunciação. O diálogo em sentido amplo, como o último termo já anuncia, expande as possibilidades de produção discursiva. Ele seria a interseção das chamadas vozes sociais que atravessam e perpassam os discursos, o que não se detém à simples atos de fala. Sobre essas vozes, Faraco (2009, p. 84) destaca que:

Como a realidade linguístico-social é heterogênea, nenhum sujeito absorve uma só voz social, mas sempre muitas vozes. Assim, ele não é entendido como um ente verbalmente uno, mas como um agitado balaio de vozes sociais e seus inúmeros encontros e entrechoques. O mundo interior é uma arena povoada de vozes sociais em suas múltiplas relações de consonância e dissonância; e em permanente movimento, já que a interação socioideológica é um contínuo devir.

A partir do que discute Faraco (2009), é perceptível o caráter indissociável que permeia os termos linguagem e sociedade. O sujeito dialógico nem se situa numa perspectiva totalmente passiva, nem é autônomo a ponto de ser o único responsável pela sua constituição. O sujeito,

---

<sup>2</sup> Faraco (2009), ao discutir sobre as obras de Bakhtin e do círculo, destaca que a palavra ideologia é geralmente usada para caracterizar o universo dos produtos do “espírito humano”, aquilo que algumas vezes é denominado por outros autores por cultura imaterial ou produção espiritual; chamado também, numa terminologia materialista, de formas da consciência social. Desse modo, ideologia, para o Círculo de Bakhtin, abrange um grande universo: a arte, a filosofia, a ciência, religião, ética, política.

conforme sugere Volochinov (2017), é objetivo e, ao mesmo tempo, refinado e flexível. A objetividade do sujeito dialógico se distancia do objetivismo abstrato, criticado em diferentes obras do círculo, pois ela se concebe na concretude da linguagem e, por consequência, dos signos ideológicos. Assim, o sujeito dialógico possui uma objetividade, a qual não pode ser considerada estática e/ou homogênea, mas sim, maleável e, como denomina Faraco (2003), heterogênea.

De acordo com Sobral (2009), o sujeito “não age sozinho, mas não deixa de ser ele mesmo, nas várias ‘posições-sujeito’, nos diferentes papéis que assume diante de diferentes interlocutores”. Dessa maneira, o sujeito, por não agir sozinho e assumir várias posições, produz um pensamento participativo (BAKHTIN, 1993). O pensamento participativo que atua na constituição do sujeito da linguagem agrupa, no papel por ele assumido na interação com os seus interlocutores, forças que descentralizam as concepções de língua, visto que “Cada enunciação concreta do sujeito do discurso constitui o ponto de aplicação seja das forças centrípetas, como das centrífugas.” (BAKHTIN, 2010, p.82). A primeira representa um caráter unificador e centralizador das ideologias e a segunda possui processos ininterruptos de descentralização de desunificação das ideologias; e é nesse contexto que existe o aspecto opositivo na língua denominado por jogo linguístico.

É justamente no campo das ideologias que se encontra a multiplicidade de vozes, visto que não existe uma só ideologia, mas sim, variadas delas que são permeadas pelas vozes sociais. Bakhtin (1993) destaca que o *eu* é constituído primordialmente pela presença do *outro*. Não se quer afirmar, com base nisso, que o sujeito da linguagem absorve tudo o que é dito pelos que estão ao seu redor. A afirmação da qual se toma, aqui, como pressuposto, é a de que os sujeitos vivem em constantes processos de responsividade<sup>3</sup>. Assim, não é necessário que os sujeitos concordem e/ou constituam espécies de paráfrases dos discursos alheios, mas que escutem e produzam respostas, positivas, negativas etc., para os outros sujeitos que participam da enunciação, pois o diálogo não precisa ser necessariamente composto por concordâncias entre os discursos. Nas palavras de Fiorin (2008, p. 25), o pensamento bakhtiniano leva ao entendimento de que “[...] os enunciados são sempre o espaço de luta entre vozes sociais, o que significa que são inevitavelmente o lugar da contradição”.

Reflexões sobre sujeito serão sempre válidas para que se possa compreender a importância de se conhecer e confrontar teorias que abordam este tema, pontuando contradições e/ou aproximações. Dentro dos estudos da linguagem, cabe aos pesquisadores a tarefa de esmiuçar as mais diversas vozes que propõem pertinentes diálogos sobre língua, linguagem, sujeito etc. Ressalto, por fim, que a minha detenção nos textos do círculo de Bakhtin, na defesa de uma concepção dialógica e responsiva ativa de sujeito, não representa um modo de criticar ou desmerecer as demais teorias que defendem noções diferentes de sujeito. A minha tentativa, nesta e em outras discussões, é a de expandir debates na busca desenfreada pelo conhecimento.

## Referências

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. Trad. P. Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, [1979] 2003.

BAKHTIN, M. **O freudismo**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Perspectiva, 2001.

BAKHTIN, M. M. **Para uma filosofia do ato**. Tradução não revisada para fins de uso didático e acadêmico. Trad: Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza, 1993 [1920-1924].

BAKHTIN, M. M. **Questões de literatura e de estética: teoria do romance**. Trad. Aurora F. Bernardini

<sup>3</sup> Para Bakhtin (2003, p. 297), “Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma ‘resposta’ aos enunciados precedentes de um determinado campo: ela os rejeita, confirma completa, baseia-se neles, subtende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta. Porque o enunciado ocupa uma posição definida em uma dada esfera de comunicação, em uma dada questão, em um dado assunto, etc. É impossível alguém definir sua posição sem correlacioná-las com outras posições. Por isso, cada enunciado é pleno de variadas atitudes responsivas a outros enunciados, de doutra esfera da comunicação discursiva”.

et alii. 6 ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral I**. 3 ed. São Paulo: Pontes, 1991.

CLARK, K; HOLQUIST, M. **Mikhail Bakhtin (1984)**. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1998.

FARACO, C. **Linguagem e Diálogo**: As idéias lingüísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008.

PECHEUX, M. A Análise do Discurso: Três Épocas. (Trad. De J. de A. Romualdo). In: GADET, F. & HAK, T. (orgs.) **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da UNICAMP, pp. 311-318, 1997.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006 [1916].

SOBRAL, A. **Do dialogismo ao gênero**: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin. Campinas: Mercado das Letras, 2009.

VOLOCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

Recebido em 23 de dezembro de 2018.

Aceito em 23 de agosto de 2019.